

PREFÁCIO A *LYRICAL BALLADS*

William Wordsworth (1800)

Introdução 3-5

“Vários dos meus Amigos anseiam pelo sucesso destes Poemas, crendo que <3> se se concretizarem de facto os pontos de vista com que os compus, resultará uma [nova] classe de Poesia, apta a interessar a humanidade de forma permanente, e não sem importância no que toca à qualidade e multiplicidade das suas relações morais. E por esta razão aconselharam-me a aditar uma defesa sistemática da teoria sobre a qual os Poemas foram escritos. Mas não estava inclinado a empreender a tarefa, sabendo que, nessa altura, o Leitor olharia com frieza os meus argumentos, dada a possível suspeita de que me moveria acima de tudo a esperança egoísta e tola de obter aprovação para estes poemas particulares por via do *argumento*. Tarefa em relação à qual eu estava ainda mais relutante porque apresentar adequadamente as opiniões e a sua devida argumentação exigem um espaço muitíssimo maior que um prefácio. Pois, para tratar o assunto com a clareza e coerência de que merece, seria necessária uma descrição completa do estado actual do gosto público neste país, e determinar até que ponto é saudável ou degenerado”

“o que, uma vez mais, não poderia determinar-se sem apontar de que forma a linguagem e a mente humana agem e reagem uma sobre a outra, e sem descrever as transformações [*revolutions*], não só da literatura, mas também da própria sociedade. Portanto, frequentemente, declinei por completo entrar nesta defesa; mas sou sensível a que haveria algo de impróprio em obstruir abruptamente o Público, sem algumas palavras de introdução, com Poemas tão materialmente diferentes daqueles aos quais é actualmente concedida a aprovação geral.”

O acto de escrever em verso como um
“compromisso formal”, uma “promessa”.

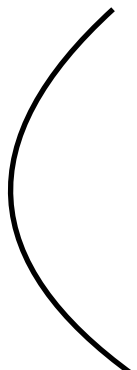
O argumento de Wordsworth lida com interpretações opostas daquilo em que consiste tal “promessa” — *linguagem comum* vs. *dicção poética*.

“<4> Supõe-se que, pelo ato de escrever em verso, um Autor entra num compromisso formal nos termos do qual satisfará certos conhecidos hábitos de associação; supõe-se que deste modo não apenas avisa o Leitor de que encontrará no seu livro certas classes de ideias e expressões, mas que outras foram cuidadosamente excluídas. Este expoente ou símbolo proposto pela linguagem métrica deve, em diferentes épocas da literatura, ter suscitado expectativas muito diferentes: por exemplo, na era de Catulo, Terêncio e Lucrécio, e na de Estácio ou Claudiano; e no nosso próprio país, na era de Shakespeare e Beaumont e Fletcher, e na de Donne e Cowley, ou Dryden, ou Pope. Não me encarregarei de determinar o significado exacto da promessa que, pelo ato de escrever em verso, um Autor nos dias de hoje faz ao seu leitor: mas irá sem dúvida parecer a muitas pessoas que eu não cumpro os termos de um compromisso assim contraído voluntariamente.”

“Aqueles que se habituaram ao espalhafato e à fraseologia inane de muitos escritores modernos, se persistirem em ler este livro até ao seu termo, terão, sem dúvida, de lutar frequentemente com sentimentos de estranheza e constrangimento: olharão em redor à procura de poesia e serão levados a perguntar por que espécie de cortesia se pode permitir que estas tentativas assumam esse título. Espero, portanto, que o leitor não me censure por tentar dizer o que me propus a fazer; e também (tanto quanto os limites de um prefácio permitem) explicar algumas das principais razões que determinaram a escolha do meu propósito: para que, pelo menos, seja poupado a qualquer sensação desagradável de desapontamento, e para que eu mesmo fique protegido de uma das acusações possivelmente mais desonrosas contra um Autor, a saber, a da indolência que o impede de tentar discernir qual o seu dever, ou, sabendo que dever é esse, o impede de o cumprir.”

A posição de Wordsworth presume uma continuidade entre práticas e comunidades. Uma vez mais, uma descrição completa das limitações poéticas, morais e políticas do “espalhafato” e da “fraseologia inane” implicaria uma “descrição completa do estado actual do gosto público”.

Dicção poética enquanto interpretação errónea e obsoleta da promessa que se faz quando se escreve em verso.



<5> espalhafato e ... fraseologia inane de muitos escritores modernos

<6> falso refinamento ou a inovação arbitrária,

Ver também, *Apêndice* (1802)

Do APÊNDICE (1802)

“<1> Visto não ter o direito de esperar uma leitura atenta, sem a qual, confinado, como tenho estado, aos limites exíguos de um prefácio, o significado das minhas palavras não pode ser plenamente compreendido, estou talvez ansioso por dar uma noção exacta do sentido em que estive a usar a expressão ‘dicção poética’ [poetic diction]; e com esse objectivo, devem aqui acrescentar-se algumas palavras quanto à origem e características da fraseologia, que condenei sob este nome.”

“<2> De forma geral, os primeiros poetas de todas as nações escreviam a partir da paixão excitada por eventos reais; *escreviam naturalmente e como homens*: sentindo [as coisas] vigorosamente como era seu atributo, a sua linguagem era ousada e figurativa. Subsequentemente, poetas e homens ambicionando a fama de poetas, percebendo a influência de tal linguagem, e desejosos de produzir o mesmo efeito sem serem animados pela mesma paixão, propuseram-se adoptar mecanicamente tal discurso figurado, e fizeram uso dessas figuras de linguagem, às vezes apropriadamente, mas com muito mais frequência as aplicaram a sentimentos e pensamentos com os quais não tinham a menor relação natural. Produziu-se assim, insensivelmente, uma linguagem que difere materialmente da linguagem real dos homens em qualquer situação.”

“O Leitor ou Ouvinte desta linguagem distorcida dava consigo num estado de espírito perturbado e invulgar: ao ter sido afectado pela linguagem genuína das paixões, também se encontrara num estado de espírito perturbado e invulgar: estava disposto, em ambos os casos, a anestesiar o seu juízo e entendimento comuns, e não tinha uma percepção instintiva e infalível do verdadeiro que lhe permitisse rejeitar o falso; um servia de salvo-conduto para o outro. A emoção era, num caso e no outro, agradável, e não é de admirar que confundisse uma [linguagem] com a outra, e que acreditasse que ambas fossem produzidas pelas mesmas causas ou por causas semelhantes. Além disso, o poeta dirigia-se-lhe com ares [*in the character*] de alguém a quem se deve prestar atenção, uma figura de génio e autoridade.”

“Assim, e por uma variedade de outras causas, *esta linguagem distorcida veio a ser recebida com admiração*; e os poetas, que anteriormente se contentavam na maior parte das vezes em aplicar erradamente apenas expressões que a princípio tinham sido ditadas pela verdadeira paixão, *é provável que tenham levado o abuso ainda mais longe, e introduzissem frases aparentemente compostas no espírito da original linguagem figurativa das paixões, mas totalmente de sua própria invenção, e que se caracterizavam por vários graus de desvio arbitrário* em relação ao bom senso e à natureza.”

“<3> É certo que se sentia que a linguagem dos primeiros poetas diferia materialmente da linguagem comum, por ser a linguagem das ocasiões extraordinárias; mas era realmente falada por pessoas, uma linguagem que o poeta tinha ele mesmo usado ao ser afectado pelos acontecimentos que descrevia, ou que tinha ouvido proferir por aqueles que o rodeavam. É provável que a esta linguagem se tenha acrescentado, desde cedo, uma ou outra métrica. O que separou ainda mais da vida comum a linguagem genuína da Poesia, de forma que quem lesse ou ouvisse os poemas dos primeiros Poetas se sentia tocado de modos que a vida real não o habituara a sentir-se tocado, e por causas manifestamente diferentes das que actuavam sobre si na vida real. *Esta foi a grande tentação para todas as corrupções que se seguiram: sob a alçada deste sentimento, sucessivos Poetas fabricaram uma fraseologia que tinha, é certo, uma coisa em comum com a linguagem genuína da poesia, a saber, o facto de não a ouvirmos na conversa comum; o facto de ser invulgar.*”

“<3> Mas como disse os primeiros poetas falavam uma linguagem que, embora invulgar, era ainda a linguagem dos homens. Esta circunstância foi porém desconsiderada pelos seus sucessores; descobriram que poderiam agradar por meios mais fáceis: ganharam orgulho em modos de expressão que eles próprios inventaram e que apenas eles tinham proferido. Com o tempo, a métrica tornou-se um símbolo ou promessa dessa linguagem incomum, e quem quer que se decidisse a escrever em métrica, de acordo com o seu maior ou menor grau de verdadeiro génio poético, introduzia, nas suas composições, menos ou mais dessa fraseologia adulterada, o verdadeiro e o falso entrelaçaram-se inseparavelmente, até que o gosto das pessoas gradualmente se degradou, e tal linguagem foi recebida como natural: e, a montante, por via da influência dos livros sobre as pessoas, até certo ponto realmente se tornou [natural]. Abusos deste género foram importados de uma nação para outra e, com o progresso do refinamento, esta dicção tornou-se cada vez mais corrupta, afastando da vista os simples aspectos humanos [*plain humanities*] da natureza por troca com uma mascarada incongruente de truques, pitorescos, hieróglifos e enigmas..”

